

Número 3 - Año 2 (Enero 2012 - marzo 2012)

Facultad de Ciencias de la Información

Universidad Complutense de Madrid

Artículo bajo la licencia *Creative Commons*

## A inserção da ciência na indústria cultural da sociedade da informação

**Autor:** Cecilia C. B. Cavalcanti

**Universidad / Institución / Centro:** Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ECO-UFRJ

**Cargo:** Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica – UFRJ

**Páginas:** 3-11

**Descriptor:** industria cultural

**País:** Brasil

**Ciudad:** Rio de Janeiro

**Contacto:** cecilacbc@gmail.com

**Resumo:** Na atualidade percebe-se uma nova dinâmica social em que a comunicação científica ocupa um lugar preponderante. Na contemporaneidade, inseridos na Sociedade da Informação, o conhecimento configura-se como força produtiva e como agente principal na organização do poder. Os canais da popularização da ciência, integrados às Tecnologias da Informação da Comunicação, passam a ser fontes privilegiadas na construção da percepção do mundo e para a geração de novas habilidades, proporcionando ao sujeito instrumentos capazes para a aplicação desse conhecimento nas possibilidades e administração da vida.

**Palavras-chave:** sociedade da informação; popularização da ciência; cognição; conhecimento.

**Abstract:** In nowadays it is noticeable a new social dynamic in which scientific communication take a more preponderant place. In contemporary, inserted in the information society, knowledge is set as a productive force and as the main agent in the organization of power. The channels of popularization of science, integrated with the information technologies of communication, become privilege sources in the construction of a world perception and the generation of new skills, providing to the individual new sets of tools capable of applying these know ledges in the administrative possibilities of life.

**Key words:** information society, popularization of science, cognition, knowledge.

## Introdução

No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Nietzsche

O conhecimento científico está por todos os lados, determinando nosso dia-a-dia e nosso futuro. As práticas da popularização científica fizeram com que cada indivíduo seja bombardeado de informações e, ao mesmo tempo, torne-se um produtor de informação e o personagem principal das decisões da utilização deste conhecimento.

No campo da comunicação científica, encontramos um conjunto de práticas comunicacionais, de sociabilidades e entretenimento dentro de novos arranjos midiáticos, que também podemos classificar como uma hibridação de meios e conexões entre linguagens. Como arranjos midiáticos, entendemos um conjunto de novos acordos das diferentes mídias que se associam entre si para efetivar as práticas da comunicação. (PEREIRA, 2008 p. 7). Ou melhor, a popularização da ciência, integrada à rede de comunicação e cultura, passa a ter papel fundamental na transmissão da informação nos dias de hoje, formando uma constituição múltipla e heterogênea com as demais formas de divulgação científica, sejam museus de ciências e tecnologia, livros científicos dirigidos ao público especializado, livros e artigos de divulgação cuja circulação supõe público sofisticado e com formação superior, artigos acadêmicos, artigos de jornais nos cadernos ciência, saúde ou comportamento, artigos de revistas informativas, artigos em revistas científicas, de sites especializados ou de curiosidades. Agregam-se ainda a esta rede, visto que ela é heteróclita, os produtos vindos do mundo da ficção, tais como filmes, vídeos, seriados e textos que nos permitem mapear um campo denominado de imaginário tecnológico.

Em alusão a media, Foucault (1979) vai dizer que, as condições reais da opinião no século XVIII eram

desconhecidas ou significavam uma reutilização espontânea do contrato, que obedecem aos mecanismos do poder econômico na face de imprensa, cinema e TV. Para o filósofo francês, foi o jornalismo -invenção fundamental do século XIX- que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar (ibidem, p. 224). Baseado nesta conceituação, podemos dizer que o papel do dispositivo nas experiências do saber científico no mundo contemporâneo acentua as tensões entre o que aparece como atual e as multiplicidades do virtual, abrindo caminhos para novas subjetividades.

De fato, com a invenção da imprensa, ou o transporte da informação em tempos e espaços mais rápidos e distantes, passa a surgir um público mais coeso, onde “atual” será aquilo que sugira um interesse coletivo. Sabemos que o século XVIII marca o surgimento de diversos jornais, mas será no século XIX, pelo aperfeiçoamento das tecnologias de impressão e transporte da comunicação –tipografia, estrada de ferro e o telégrafo-, que se estabelece o poder da imprensa na criação de uma opinião, uma ideia de sociedade como consequência das forças políticas envoltas nas editoriais e na indústria da informação (TARDE, 2005).

Através da história da ciência, observa-se que, a partir do século XVIII, época do desenvolvimento de uma política sistemática do espaço, as descobertas na física retiram por definitivo o direito que era antes da filosofia de falar do espaço, do finito e infinito. Neste período<sup>1</sup>, o pensamento filosófico volta-se para as questões do tempo e para duas vias de análise: o homem, seu corpo e os estudos de percepção e os estudos das “ilusões da Humanidade”, mostrando que o conhecimento tinha condições históricas, sociais ou econômicas (FOUCAULT, 2007).

Ao nos depararmos com as quebras de paradigmas na lógica do tempo e do espaço, com as teorias quânticas e da relatividade, que pontuaram o final do século XIX e começo do século XX, houve uma modi-

---

<sup>1</sup> É nesta época que a sociologia surge como disciplina e aparecem os estudos da biologia e da psicologia

ficação na maneira de ver o mundo e na própria metodologia científica. O sujeito que apenas observava a natureza, que tentava compreendê-la para servir-se dela, dá lugar ao sujeito que interfere na observação, a fim de modificar seus processos.

“Todo conhecimento se enraíza numa vida, numa sociedade, numa linguagem que têm história; e nesta história mesma, ele encontra o elemento que lhe permite comunicar-se com outras formas de vida, outros tipos de sociedade, outras significações: é por isto que o historicismo implica sempre uma filosofia, (...) uma certa metodologia da compreensão viva e da hermenêutica” (Ibidem., p. 516).

Liotard (1988) aponta que, a partir do século XIX, a produção do conhecimento científico muda a organização econômica da sociedade contemporânea. O autor reflete ainda sobre como as transformações nos processos de produção e consumo da ciência (período que ele denomina de pós-modernidade) interferiram na organização econômica do mundo. Lyotard indica ainda, que é neste período que as diferenças e o poder competitivo entre os países poderão ser verificados pelo saber científico produzido e utilizado como “mercadoria informacional”. E, é claro, pelas patentes decorrentes das pesquisas científicas, agora associadas à lógica industrial.

Neste sentido, o conhecimento como força produtiva, realiza o mundo contemporâneo numa sociedade do conhecimento, em que políticas industriais e a economia configuram-se como agentes principais na organização do poder.

### **A informação como estratégia econômica**

O termo Sociedade do Conhecimento ou da Inteligência (knowledge society) surge para descrever as tendências das sociedades do período pós-industrial, que emergiram a partir da segunda metade do século

XX, cuja característica marcante está baseada na produção de toda e qualquer atividade econômica tendo como premissa principal o conhecimento teórico.

A terminologia consagrada nos anos 70 do século XX, e reaquecida no final dos anos 90 com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação da Comunicação (TIC's), coloca o conhecimento ou sua organização como o centro da produção e da riqueza. O saber virou moeda de troca, publicidade de cursos, exposições em museus, diferencial da própria informação.

“O conhecimento virou a principal força produtiva, e que, conseqüentemente, os produtos da atividade social não são mais, principalmente, produtos do trabalho cristalizado, mas sim do conhecimento cristalizado (...) o valor de troca de mercadorias, sejam ou não materiais, não é mais determinado em última análise pela quantidade de trabalho social geral que elas contêm, mas, principalmente, pelo seu conteúdo de conhecimentos, informações, de inteligências gerais” (GORZ, 2005. p. 29).

Ao buscar os antecedentes da terminologia, encontramos a noção de “sociedade da informação”, aparecendo primeiramente em 1973, com o sociólogo norte-americano Daniel Bell em seu livro *O advento da sociedade pós-industrial*, onde afirma que o eixo principal da sociedade é o conhecimento teórico. Os serviços baseados no conhecimento seriam convertidos então na estrutura central da nova economia e de uma sociedade sustentada na informação, onde as ideologias serão supérfluas (BURCH, 2005. online<sup>2</sup>).

Mais adiante, ao nos depararmos com a década de 90, percebe-se que o conceito passa a representar a base política e ideológica, servindo para a construção de uma globalização neoliberal, com o objetivo claro da abertura do mercado mundial, a saber: impedir que países em desenvolvimento ou mesmo subdesenvolvidos criassem medidas de proteção de seu mercado interno.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://vecam.org/article519.html>

Mais ainda, o excesso de informação e conhecimento produzido principalmente pelas tecnologias da informação e o enorme desenvolvimento de redes e assuntos gerados pela Internet, transformam a informação como produto e seus meios de difusão em grandes Shoppings Centers. Ora, por suas peculiaridades, principalmente pelo caráter localizado dos processos de inovação e difusão das TIC's - poderoso instrumento na geração da informação e consequente mudança tecnológica -, mais forte se dá a concentração no processo de acumulação e mais distantes ficamos da dita homogeneização das atividades apregoadas por alguns "globalizantes".

De fato, a influência da mídia sob as atividades socioculturais tende a criar uma homogeneização de sentidos, objetivando uma visibilidade planetária, num processo que pode, não somente descaracterizar, mas destruir muitas representações simbólicas e formas culturais (SCHEINER, 2010, online<sup>3</sup>). Por outro lado, a globalização ao invés de minimizar as diferenças no mundo, acabou por criar novos conflitos que através da utilização das tecnologias da comunicação, se expressam e se articulam.

"Este é o outro traço característico do contemporâneo: a corajosa resistência cultural que reitera, apesar de tudo, a pluralidade - soma complexa e dinâmica de todas as individualidades possíveis. Ela está presente nos movimentos de grupos locais e de vizinhança; nas expressões originalíssimas das tribos urbanas; na reiteração das dignidades culturais da Tradição; nas interfaces entre segmentos sociais e culturais que nunca, antes, se haviam conectado - e que hoje se articulam na Rede, em todas as direções, em tempo real" (Ibidem).

Lembremos, porém, que, historicamente, podemos marcar como início do processo de globalização as grandes navegações do século XV, quando o planeta Terra, "passava cada vez mais explicitamente ao pri-

meiro plano". (SLOTTERDIJK, 2005, p. 15).

"Este devir fatal da Terra suscitado pela prática humana, com a concomitante desrealização das anteriormente vitais esferas luminosas, não nos propicia o mero pano de fundo dos acontecimentos a que hoje em dia chamamos globalização; ele é o próprio drama da globalização". (ibidem. p. 15).

Se no século XV a tecnologia das navegações determinava uma nova organização das sociedades com a redistribuição de mercados, o século XX termina com alguns segmentos da sociedade, talvez os segmentos mais lúcidos e críticos, manifestando-se contra a globalização ou, assim podemos dizer, contra as estruturas econômicas e sociais globais que forçaram a uma uniformização do consumo, da informação e da vida cotidiana, em países que ainda estão separados por desigualdades das mais diversas. Hardt e Negri (2004) apontam os movimentos oriundos de Seattle (1999) como momento particular destas manifestações, quando grupos distintos<sup>4</sup> apresentaram "suas queixas mesmo sem serem convidados" (p.365).

As pressões sociais, em movimentos agora em rede, em busca de democracia e identidade local, tornam visível o abismo entre países pobres e ricos. Como foi descrito por Hardt e Negri (2004), cada forma de estrutura disseminada em rede constitui uma organização democrática, "correspondente às formas dominantes de produção econômica e social que também vem a ser a mais poderosa arma contra a estrutura vigente de poder" (p.127). A força dinâmica da acumulação do capital aliada às condições de luta social tornam as relações instáveis. Como consequência, ninguém sabe mais quais podem ser o tempo e lugar certo para tudo, gerando, segundo alguns teóricos, a insegurança que desorganiza o capitalismo clássico como formação social.

4 "ambientalistas com sindicalistas, anarquistas com grupo religiosos, gays e lésbicas com os que protestavam contra o complexo carcerário-industrial (...)". Por isso é que se denomina "movimento dos movimentos" (Hardt e Negri, 2004, p.125).

3 Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5956>

Alguns autores (GORZ, 2005, HARDT E NEGRI, 2004) indicam principalmente os estudantes como os novos atores da resistência, organizados local e internacionalmente graças à Internet, com objetivo de “reconquistar o espaço público, retomar o poder sobre seu meio, sua cultura comum e sua vida cotidiana” (GORZ, 2005, p. 52). Este papel, os estudantes já tinham ensaiado nos movimentos dos anos 60: a contracultura, os movimentos da Primavera de Praga, Maio de 68 na França, os universitários americanos queimando cartões de recrutamento para a guerra do Vietnã, e os movimentos de resistência às ditaduras. Fazem parte de um conjunto que Foucault (1987) nomeou de novos sujeitos da história, junto com mulheres, gays, prisioneiros, imigrantes. A diferença radical é que a Internet, na sua função conectiva e ágil, constrói uma mundialização destes movimentos e lhes concede outra eficácia.

Analisados por outro ângulo, os movimentos sociais do século XX não recontam uma experiência vivida, mas “se manifestam como progresso, moda e novidade. Se o capitalismo foi fonte de um estado de sonho histórico, este tem origem ontogenéticas e seus eixos convergem em uma única constelação para cada geração” (BUCK-MORSS, 2002, p.327). Para Moscovici (2007), “o milênio termina sem nada a concluir”, sendo necessário desmagnificá-lo, separá-lo e libertá-lo da quantidade de forças com as quais o povoamos.

“A princípio servidor da natureza, o homem, que se proclamou mestre, abre os olhos sobre a sua solidão infinita no coração desta, como sobre o deserto da inteligência na superfície do planeta perdido onde ele vive. Assim, o mal-estar de nosso tempo revela-se no desencantamento do mundo” (p. 87).

Moscovici utiliza o conceito desencantamento do mundo baseado em Max Weber, que afirmava que a produção capitalista no Ocidente conseguiu se libertar das tradições seculares através da parceria entre a ciência e o capitalismo. Para o desenvolvimento do conceito, Weber analisava uma Alemanha desenvolvida, em

princípios da década de 1910 e mais, especificamente, a relação da religião e as imagens que elas produziam do mundo para a sociedade. Com isso, podemos alegar que este novo desencantamento sobre o qual nos alerta Moscovici, pode estar associado à imagem pública da globalização social-econômica do saber e disseminada pelas tecnologias da comunicação na sua face mais visível ou utilizável da Internet, telefonia celular e internacional, TV via satélite, etc., criando a ideia de que as TICs possibilitam que o conhecimento possa estar ao alcance de todos, que existe uma democratização do saber. Entretanto e paradoxalmente, existe uma enorme distância entre aqueles que têm acesso e os que realmente usufruem deste conhecimento.

### Trabalhador ou profissional

A Era da Inteligência exige grandes investimentos em nova tecnologia, esta associada ao fato que o recurso mais fundamental para a competitividade na moderna economia mundial é o conhecimento. Hoje a nova Era exige qualificação, o que significa a utilização das ferramentas das TIC's. Na verdade, os indivíduos considerados mais bem preparados para o mercado de trabalho são aqueles que usam seu cérebro como ferramenta, ao invés da sua força física ou habilidade motora. Não existe mais o operário retratado genialmente por Chaplin “Nos Tempos Modernos”.

Para tal, surgem novas habilidades<sup>5</sup> necessárias para a valorização de produtos e serviços através do conhecimento, pressupondo-se criatividade, uma relação cognitiva com a experiência, intuição e práticas, discernimento e, sobretudo, “aspectos não sistêmicos e das relações entre indivíduos” (VELTZ, apud Gorz, p. 18).

<sup>5</sup> Habilidades que vamos ver ser a base para a metodologia expositiva das exposições dos museus de ciências: a interatividade como ideia central para aguçar a curiosidade de seus visitantes, onde cada um se apropria de um experimento e associa-o com a vida no cotidiano, que corresponda a uma mesma essência.



“Não é a soma do trabalho dos indivíduos que conta, mas a qualidade e a pertinência das comunicações amarradas em torno do sistema produtivo” (Ibidem).

Para isso, Gorz (2005) faz uma distinção entre a noção de saberes, conhecimento e inteligência, na qual saber implica certezas mais precisas ou práticas, conhecimento abarca uma compreensão mais global ou analítica e, inteligência seria, então, o total das capacidades que permite relacionar saber com o conhecimento. Ou melhor, conhecer pressupõe um objeto material ou imaterial, real ou não, fora do eu e dotado de autossuficiência, resultado de um aprendizado social. Enquanto que, o saber equivaleria à intuição, ao pré-cognitivo, compreendido pela experiência que vive e sente nosso corpo.

“O conceito de inteligência pressupõe a combinação de diferentes formas de saber. Ela abrange as capacidades de aprender, de julgar, de analisar, de pensar logicamente, de antecipar, de memorizar, de calcular, de interpretar, de entender, de fantasiar, de se colocar de modo imprevisível, etc. (...) A inteligência é inseparável da vida afetiva (...) dos desejos, dos temores, das esperanças ou das expectativas do sujeito”. (p. 78)

Ainda segundo o pensamento de Gorz, sendo a sociedade do saber–informação uma sociedade da cultura, o que conta é a qualidade de coordenação, levando os trabalhadores pós-fordistas a usarem toda a bagagem cultural adquirida na vida social. Significa dizer que compõem as habilidades de coordenação, as atividades fora do ambiente de trabalho, quando exercemos nossa vivacidade e capacidade de improvisação e cooperação. “O centro do coração de valor é o trabalho imaterial (...) e repousa sobre as capacidades expressivas e cooperativas” (p19). Habilidades estas encontradas, principalmente, nas redes colaborativas no meio virtual.

Na atualidade, assistimos o conhecimento atrelar-

se ao prestígio e aos prognósticos e expectativas da ciência e da técnica. Como já afirmava Foucault (2003), o capitalismo realoca o indivíduo; se antes éramos apenas consumidores, hoje também somos produtores. O modelo do consumo desenfreado por objetos, ligados das ideias de utilidade e necessidade, começa a ser trocado por uma relação de um indivíduo empreendedor de si mesmo.

Em resumo, podemos dizer que a economia do conhecimento pode ser caracterizada pela utilização de um determinado conhecimento como elemento imprescindível para a geração de riqueza pela valorização de produtos e serviços, em cujos processos de criação e transformação participam. Por estar baseada em ativos ou produtos imateriais, uma das chaves para o crescimento econômico de um país é o investimento em pesquisa científica, tecnologia e inovação, aliado ao acesso a todas as pessoas.

A UNESCO define como Patrimônio Cultural Imaterial os saberes, as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de um determinado patrimônio cultural. Mais ainda, podem ser consideradas como patrimônio cultural imaterial as tradições de um grupo social, com o objetivo de preservar a ancestralidade para as futuras gerações.

Podemos afirmar que a globalização foi determinada pelo colonialismo europeu, que desenhou o sistema mundial até a metade do século passado, e foi caracterizada pela acumulação de capitais e mercados dominantes e dominados. Hoje figura-se por uma globalização eletrônica (SLOTERDIJCK, 2005) caracterizada pelo avanço da tecnologia, pelas redes colaborativas, pela divulgação e defesa de seus processos e produtos materiais e imateriais locais, pelas grandes variedades de invenções, melhoria de velhos materiais e desenvolvimento de novos, aceleração do desenvolvimento em

Cecilia C. B. Cavalcanti

A inserção da ciência na indústria cultural da sociedade da informação

biotecnologia molecular, determinando a era do conhecimento e impondo profundas alterações nos processos produtivos.

Neste cenário, observa-se que a popularização científica passou a ser base para incrementar a pesquisa, através das informações transmitidas por seus diversos meios. Pensemos que, nos tempos mecânicos/industriais os produtos serviam quase como “uma prótese da vida moderna”. A partir da década de 80 do século passado, alguns fatores são relevantes: o crescimento da indústria cultural, o mercado de fármacos, os depósitos de patentes e as pesquisas em biociências, o que passa a conferir valor aos produtos é o conhecimento adquirido por cada sujeito/consumidor, com o objetivo de uma melhor administração da vida. Afinal, como nos indica Castells (2003),

“(...) o que caracteriza a revolução tecnológica atual não é a centralidade de conhecimentos e da informação, mas a aplicação desse conhecimento e dessa informação para a geração de conhecimentos e dispositivos de processamento / comunicação em um circuito de realimentação cumulativo entre a inovação e os seus usos” (p.69).

Significa dizer que, além de criar um processo de conscientização para gerir de maneira eficaz os riscos (consumo exagerado de drogas lícitas ou ilícitas, atividades físicas, cirurgias reparadoras etc.), a aquisição de produtos e eventos culturais permite ao sujeito adquirir novas habilidades e, conseqüentemente assumir um novo papel e colocação social. Podemos citar Wolfgang Haug (1979) que afirma que a estética da mercadoria no mundo capitalista é comparável à linguagem amorosa: “quem busca o amor faz-se bonito e amável” (p.15). Ao final, vendem-se experiências, prazer, emoções, valores imateriais, sejam objetos, pessoas ou empregos.

A Era digital vem não somente aumentando a oferta, mas tornando cada vez mais liberada a informação e o conhecimento - juntamente com a enorme visibili-

dade dos temas científicos na mídia sejam relatos, matérias, entrevistas com especialistas ou publicidades das mais diversas, o que acaba por dar valor (neste caso, informacional) a produtos e possibilidades de futuros, produzindo desejos e vontades pessoais e estilos de vida.

### Considerações finais:

Os avanços do conhecimento e da filosofia desde a Grécia antiga, do período renascentista ou da Revolução Francesa, afetaram profundamente nossa vida social, política e cultural. Em termos gerais, pode-se afirmar que mudanças socioculturais, ocorridas devida a expansão da escrita na Grécia, por volta de 430 a.C., com a passagem da comunicação oral para a escrita alfabética “onde o discurso escrito sai a vagar por toda parte” (PLATÃO, 2001), está intensificada hoje, com a dinâmica das atuais tecnologias de comunicação – onde o discurso é produzido por todos e está em todas as partes - e sua capacidade de multiplicar a circulação das informações num curto espaço de tempo, permite que as ideias partilhadas pelos membros de uma sociedade circulem de forma mais heterogênea.

Temos em conta que o sujeito contemporâneo já não se move como antes, quando o tempo para a locomoção no espaço reduziu-se exponencialmente, em um primeiro momento determinado pelos meios de transportes e pelo telégrafo e, mais recentemente através da velocidade de transmissão da informação pelas tecnologias de comunicação. Nesta sociedade, experimenta-se a liberdade individual como valor de referência e, a partir de nossas próprias habilidades, podemos nos apropriar da informação. Ao mesmo tempo, os espaços culturais, bibliotecas, museus, centros culturais entre outros, são considerados os elos de uma vasta rede de transformação, através dos quais o mundo se transforma em informação.

“As imagens e os objetos culturais que os centros culturais produzem, transformam, conservam,

Cecilia C. B. Cavalcanti

A inserção da ciência na indústria cultural da sociedade da informação

exploram, transmitem fazem parte, hoje, da nossa paisagem visual tanto quanto as paisagens e objetos naturais. Entretanto uma nova estratégia de intermediação nos centros da rede cultural se desenha. O universal, hoje, não se define mais por concentração, mas por conexão, passamos da utopia concentracionária à pantopia conexcionista” (PARENTE, 2008, online<sup>6</sup>).

No mundo contemporâneo, a noção de razão não está mais no lugar do universal, contrapondo-se com o princípio singular da incerteza. Um indivíduo bem informado teria autonomia de escolha sobre sua própria individualidade<sup>7</sup>. Por outro lado, as mesmas informações nos dizem que não estamos sós e que nossas ações enquanto coletividade afeta a todos que vivemos neste mesmo planeta. A mesma biologia que nos dá mais tempo de vida, pode nos matar pelo simples fato de ligar o carro. Neste sentido, podemos afirmar que o saber é individual, mas a experiência, coletiva. Afinal, como observa André Parente,

“Nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade (...) pensar em rede (...) é, sobretudo pensar a comunicação como lugar de inovação e do acontecimento, daquilo que escapa ao pensamento da representação” (PARENTE, 2004. p.92).

Nos últimos 30 anos, intensificaram-se as manifestações de divulgação científica em todo o mundo, com vasto catálogo editorial, cursos e conferências públicas, criação de inúmeras revistas científicas, aumento das matérias científicas em jornais diários, criação de blogs, sites, turismo, semanas nacionais e feiras, além da reestruturação ou criação de novos museus de ciências e tecnologia. Isto demonstra que há um mercado crescente para o conhecimento científico, criando um

estado de espírito mais receptivo para o compartilhamento de informações e soluções.

Não nos esqueçamos de que a ideia de popularização deve proporcionar o pensar, o saber e a maneira como a cultura os organiza historicamente. Neste sentido, a cultura ocidental tem construído um mundo de conhecimentos, determinando alguns espaços, protagonistas e canais de transmissão formais e informais.

### Referências Bibliográficas

BURCH, S. (2005): *Sociedade da Informação / Sociedade do Conhecimento*. In: *Desafios de Palavras: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação*. Coordenado por Alain Ambrosi, Valérie Peugeot e Daniel Pimenta, C&F Éditions. Disponível em: <http://vecam.org/article519.html>. Acesso em: 22/06/2009.

BUCK-MORSS, S. (2002): *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

CASTELLS, M. (2003): *A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)*. São Paulo: Paz e Terra.

FOUCAULT, M. (1979): *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1979.

--(1987): *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 32a Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

--(2007): *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; 9ª Ed. – São Paulo, Martins Fontes.

GORZ, A. (2005): *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume.

HAUG, W. F. (1979): *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Unesp, 1979.

HARDT, M. e NEGRI, A. (2005): *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro, Record.

LYOTARD, J. F. (1998): *A condição pós-moderna*. Rio de Ja-

6 Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/seminario3d/pdf/parente-visorama.pdf>

7 Um curioso paradoxo aparece aí: a individualidade ganha espaço, ao mesmo tempo em que, pelos mesmos meios, a privacidade entra em crise.



neiro: José Olympio.

MOSCOVICI, S. (2007): *Natureza, Para pensar a ecologia*, Rio de Janeiro, Editora Mauad X.

PARENTE, A. (2004): *Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade*. In *Tramas da rede*. Org. André Parente, Rio Grande do Sul: Edições Sulinas.

-- (2008): *O Visorama e os museus virtuais*. Disponível em: <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>. Acesso em: 6/7/2009.

PEREIRA, V. A. (2008): *G.A.M.E.S. 2.0 - Gêneros e Gramáticas de Arranjos e Ambientes Midiáticos Mediadores de Experiências de Entretenimento, de Sociabilidade e de Sensorialidades*. In: 17° Encontro Anual de Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação, São Paulo. ANAIS.

PLATÃO (2001): *Fedro*. São Paulo; Martin Claret.

SCHEINER, T. (2010): *Sobre Laços, Caminhos, Pontes e Museus*. *Revista Museu*. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5956>. Acesso em: 23/12/2010.

SLOTERDIJK, P. (2008): *O Palácio de Cristal : para uma teoria filosófica da Globalização*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.

TARDE, G. (2005): *A Opinião e as Massas (2º Ed.)*. São Paulo: Martins Fontes.